




Editorial – A influência persa/aquemênida na teologia da Yehud

José Ademar Kaefer ^[a] 
Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Vicente Artuso ^[b] 
Curitiba, PR, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Waldir Souza ^[c] 
Curitiba, PR, Brasil

^[c] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR)

Como citar: KAEFER, José Ademar; ARTUSO, Vicente; SOUZA, Waldir. Editorial – A influência persa/aquemênida na teologia da Yehud. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 362-365, set./dez. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.ED01>

O estudo da influência persa/aquemênida na teologia de Judá é um tema novo na pesquisa bíblica da América Latina e Caribe. De maneira que o presente dossiê, ancorado no seminário realizado na Pontifícia Universidade Católica no mês de abril de 2025, com o mesmo tema, pode ser visto como vanguarda de um estudo que certamente ainda irá trazer muitas novidades para a pesquisa bíblica futura.

^[a] Doutor em Sagradas Escrituras pela Westfälischen Wilhelms-Universität Münster, e-mail: jose.kaefer@pucpr.br

^[b] Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e-mail: vicente.artuso@pucpr.br

^[c] Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), e-mail: waldir.souza@pucpr.br

Até o passado recente, dava-se pouca atenção a uma possível influência da ideologia e da religião persa/aquemênida, em específico o zoroastrismo, sobre a religião judaíta do pós-exílio, que iria resultar no judaísmo. O motivo deste pouco interesse era por haver um certo consenso de que os persas não intervinham na religião dos povos conquistados. E isso tem sua razão de ser, pois, de fato, não se tem conhecimento de fontes bíblicas e extra-bíblicas que evidenciem que os persas impunham sua religião às outras culturas. Muito pelo contrário, pelo que se conhece, os persas se interessavam e, em muitos casos, promoviam a religião local. Obviamente que esta não era uma ação para demonstrar a bondade persa, mas porque ela facilitava o reinado do império. Depois de conquistar um povo, o conquistador precisa ser aceito por este povo, a fim de que se evite revoltas internas e se possa tirar proveito econômico da conquista. Em poucas palavras, que haja paz para que o conquistado produza benefícios para o conquistador. Portanto, mostrar interesse pelos costumes e ritos dos povos conquistados, entrar em seus templos e oferecer sacrifícios às suas divindades, é outra forma de conquistá-los. Se esta ação for bem executada, chega-se a convencer o povo local de que a conquista foi obra do seu próprio Deus, quem utilizou o conquistador como seu instrumento.

Para alcançar este feito da conquista religiosa pelo império persa era fundamental a intermediação das lideranças religiosas locais, as quais eram conhecidas, respeitadas e aceitas pela população. Em troca, estas lideranças, por proporcionar o alcance dos interesses do império, recebiam benefícios do conquistador. Por sua vez, a proximidade e interação com as autoridades persas desenvolvia o fascínio nas lideranças locais pela forma de pensar, organizar e cultivar do império. Assim, com o tempo, impunha-se a política e a ideologia do conquistador sobre o conquistado. De forma que, o imaginário religioso local vai se inspirando e absorvendo o imaginário religioso do império. E, assim, completa-se o ciclo da conquista. Este, parece-nos, foi o caso da religião em Judá.

Sempre é importante lembrar que domínio do império persa sobre Judá durou nada menos que duzentos anos, o mais longo de sua história. Muitas gerações em Judá só conheceram e viveram sob o domínio persa. E foi durante este longo período de dominação que se formou o judaísmo.

Com este propósito de evidenciar a influência persa/aquemênida sobre a teologia da *Yehud*, o presente dossiê traz a contribuição de dez artigos. José Ademar Kaefer abre a pesquisa com **“A influência persa/aquemênida na religião judaíta”**, onde o autor elenca vários temas que ele considera terem sido absorvidos da ideologia persa. Entre estes, são destaques: a transformação do conceito de Deus, de um Deus próximo, que caminha com o seu povo, para um Deus dos céus, distante e inacessível; a mudança da Torá, que de instruções comunitárias passou a leis do estado, assim como a lei persa; o fogo, como manifestação de Deus; o conceito de messias, influenciado pelo messianismo de Ciro, o Grande; o paralelismo entre a missão de Udhahorresnet e de Esdras; o dualismo de bem e mal (verdade x mentira), entre outros. Em seguida temos a contribuição de Gad Barnea, com o artigo **‘Ahyh ‘Ašr ‘Ahyh: The God “Who Is” and the Achaemenid-Zoroastrian Background of the “Burning Bush”** (*‘Ahyh ‘Ašr ‘Ahyh*: O Deus “que é” e o contexto aquemênida-zoroastriano da “Sarça Ardente”). Aqui, Barnea parte da passagem de Êx 2:23–3:15 para mostrar a influência do zoroastrismo no elemento “fogo sagrado” para a manifestação de Deus na concepção religiosa judaica.

Dando sequência ao tema da influência persa, Matheus Treuk traz sua contribuição com o artigo **“Explorando a materialidade do monumento de Dario I em Behistun (Bīsītūn): texto, imagem e performance no Império Aquemênida (c. 550-330 a.C.)”**. O autor analisa, a partir da iconografia, o monumento de Behistun, no intuito de mostrar a interação entre texto e imagem presentes no referido monumento, e como ambas deviam agir na experiência cotidiana das pessoas. Em seguida temos o aporte de um texto de Karel van der Toorn **“Religião étnica”**, decorrente de um livro por ele publicado no corrente ano. O texto foi traduzido por José Ademar Kaefer e representa ser um dos grandes avanços da pesquisa bíblica em torno do tema da influência persa/aquemênida na teologia da *Yehud*. Toorn afirma que esta influência no imaginário religioso judaíta foi em grande parte indireta e é perceptível somente a longo prazo. Ela só começa a se manifestar claramente no período helenista. Os grandes protagonistas desta influência em Judá foram, segundo Toorn, Esdras e Neemias. Com eles se instaura uma nova era para a religião judaíta, que não se resume ao templo

de Jerusalém, mas abrange as várias comunidades javistas do além rio (Eufrates), como Samaria, Edom e Elephantina. De aí o conceito “religião étnica”.

Depois do texto de Toorn, temos o aporte de Luiz Alexandre Solano Rossi, com o artigo **“A história social dos miseráveis em Yehud”**. Rossi busca tornar visível o aumento da miserabilização em Judá durante o domínio persa/aquemênida. Ainda que a cultura material apresente limitados registros deste processo social, textos bíblicos, como Neemias 5, não deixam dúvidas. É possível escutar nas entrelinhas destes textos o clamor de mulheres, jovens e crianças vendidos, violentados e escravizados. Estas são as vítimas mais vulneráveis de um sistema imperial, que visa somente a exploração econômica, e de interesses de grupos internos em disputa. Na esteira da influência persa, Marcela de Jesus Dias e Marcos Filho apresentam **“A relação entre a “lei do rei” (*dat*) e a “lei de Deus” (Torá) em Esdras 7.11–26 e Neemias 8.1–18**. Os jovens autores buscam desvelar o real interesse do rei persa Artaxerxes ao enviar o sacerdote e escriba Esdras à Jerusalém para “inspecionar, segundo a lei... estabelecer escribas e juízes que administrem a justiça para todo o povo da Transeufratênia”. Ou seja, destacar a interação entre a lei judaica (Torá) e a lei persa (*Dat*) e as consequências produzidas nesta interação. O artigo seguinte é de Valmor da Silva **“Não tem Satã espião e acusador, do imperialismo persa para a Bíblia Hebraica”**. Partindo dos textos de Jó 1,6-12; 2,1-7; Zc 3,1-3 e 1Cr 21,1, Valmor faz uma análise do termo “*satan*” e conclui que o conceito se inspira na política da corte persa. Segundo o autor, o “acusador”, conforme *satan* é traduzido na Bíblia Hebraica, “é identificado com o personagem que representava o “olho do rei” ou “espião”, encarregado de vigiar e acusar qualquer ato de rebelião junto aos sátrapas”. Ou seja, em sua origem, *satan* era uma pessoa que delatava ações contrárias aos interesses da corte persa. E, só mais tarde, este indivíduo é transformado num ente celestial, inimigo de Deus e da humanidade. Em outras palavras, a corte persa é transportada para o céu (entenda-se, inspirada) e com ela o seu delator ou espião.

André Casagrande, com o artigo **“Os Sacerdotes em cena: a ascensão sacerdotal no período persa”**, começa uma reflexão de três artigos que tratam do conflito, interesse e ascensão ao poder do grupo sacerdotal em Jerusalém. Casagrande, partindo dos conceitos de Hilário F. Júnior, G. Balandier e Orlandi, procura mostrar como o grupo sacerdotal, legitimado pela autoridade persa, chega ao topo do poder valendo-se de um imaginário/simbólico por eles construído. Seguindo neste mesmo viés, Gilvan Leite de Araújo apresenta o artigo **“Anjos e Demônios na Terra de Yehud: O desenvolvimento dos líderes angélicos e demoníacos durante o Período Sadoquita”**. O autor busca mostrar como, com a ascensão do sadoquismo, tanto a política quanto a teologia em Judá passam por uma transformação. Por fim, Fabio da Silveira Siqueira e Filipe Henrique Araújo, com o artigo **“Um profeta em época persa: análise exegética de Ml 1,6-14”** apresentam uma exegese de Ml 1,6-14 para mostrar o conflito existente entre dois grupos sacerdotais em Jerusalém durante o domínio persa. Um grupo defendia o culto tradicional e outro uma prática influenciada pelo contexto persa.

Na cessão de artigos com temas variados, o presente número prossegue com o estudo de Thais Rocha da Silva **“O Egito e o Levante: um olhar a partir da arqueologia doméstica”**. A autora examina os contatos entre populações do Egito antigo e o Levante a partir da cultura material do contexto doméstico. Ela alerta para “a complexidade das relações daquelas comunidades antigas e desfaz visões monolíticas sobre o antigo Egito e o Levante na idade do Bronze e do Ferro”. A seguir temos o artigo de Athos Aires e Vicente Artuso **“A Influência mitológica do Antigo Oriente Próximo nas narrativas hebraicas da criação humana (Gn 2,4b-2,25)”**. Os autores destacam algumas relações entre os mitos da criação do Antigo Oriente com o relato da criação bíblica. De outra parte, mostram que no plano literário e teológico o colorido mítico do relato bíblico da criação se diferencia desses mitos antigos por uma mensagem original que resgata a dignidade e a liberdade do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Christiane Meier, com seu artigo **“Uma aproximação entre o papel da memória no Êxodo e no retorno do Exílio babilônico e suas consequências para as mulheres estrangeiras na Yehud persa”**, faz uma aproximação entre a “memória e o imaginário” presentes em dois períodos de Israel: “no Êxodo e na volta do Exílio babilônico”. Seu objetivo é compreender as consequências que a memória e o imaginário implicavam às mulheres estrangeiras no contexto da Yehud persa. A autora conclui que a

memória é utilizada de forma oposta: uma vez como desejada e outra vez como não, “sendo empregada conforme a necessidade do momento histórico do Povo de Deus”. Rui Caetano Vasconcelos da Silva, no seu artigo **“Cultos e corpos: uma leitura sócio teológica da idolatria e da prostituição em Os 2,6-16”**, mediante uma abordagem sócio-teológica, sugere que os oráculos no texto bíblico em questão evidenciam interesses políticos de Judá para legitimar projetos de poder. Parece ser o motivo do porquê “as alianças com nações estrangeiras e adoração de outras divindades, serem apresentadas como a causa do cativeiro de Israel Norte”. Nesse mesmo viés profético temos o artigo de Glaucete de Oliveira Santos da Silva **“Jezabel Desvelada, Violência, Poder e Silenciamento na Construção de uma Inimiga Bíblica: Uma análise crítica das estratégias narrativas que moldam a memória de Jezabel como figura subversiva e ameaçadora”**. A autora propõe desconstruir certas interpretações que acentuam a culpabilidade atribuída à Jezabel, como mulher “promíscua, perigosa e rebelde”. Essa imagem, segundo a autora, “é resultado de um processo ideológico que envolveu leituras deuteronomistas, pós-exílicas e patriarcais que interpretaram sua atuação política e religiosa como uma ameaça à ordem patriarcal e javista”. E, para encerrar, temos o artigo de Thyago Damas e Fernando Albano **“Discipulado no Evangelho de Marcos. A vocação dos discípulos”**. Os autores propõem que “a narrativa marcana apresenta o discipulado como um processo contínuo de aprendizado, marcado por desafios, falhas e crescimento espiritual”. Destacam, ainda, que “o chamado a seguir a Jesus encontra-se “explicitamente presente em toda a narrativa marcana”.

Auguramos aos leitores e às leitoras proveitosa leitura para o enriquecimento da cultura bíblica e teológica.

RECEBIDO: 24/11/2025
APROVADO: 24/11/2025
PUBLICADO: 09/12/2025

RECEIVED: 11/24/2025
APPROVED: 11/24/2025
PUBLISHED: 12/09/2025

Editor responsável: Waldir Souza